
RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME “OS SEM FLORESTA”

Socio-environmental relations: an analysis based on the film “Over the Edge”

Thomas Leonardo Marques de Castro Leal¹

Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus/Bahia
thomasmdcl@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/8377605760720431>

Maurício de Oliveira Silva²

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Juazeiro/Bahia
m.osilva@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/7670869464111293>

Karoline de Oliveira Silva³

Faculdade Pitágoras/UNOPAR – Luís Eduardo
Magalhães/Bahia
karoline_osilva@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/7489331357239631>

RESUMO: Nos limites geográficos das cidades é onde há o maior crescimento demográfico e onde geralmente se concentram os conflitos socioambientais. Os espaços territorialmente protegidos acabam sofrendo pressão do entorno, estando suscetíveis a diversos impactos ambientais negativos. A partir de um estudo observacional indireto, com abordagem qualitativa, este trabalho analisa o filme “Os sem floresta” (2006) e realiza uma analogia com diversos processos sofridos em áreas protegidas. Através das análises realizadas, foi possível perceber que o filme aborda questões como mudança de padrões de alimentação de animais silvestres, expansão da área urbana e degradação ambiental, estilo de vida consumista e animais ameaçados de extinção, além de analogia a relações humanas.

* **Editora Responsável:** Suellem Aparecida Urnauer. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2628458988920263>.

¹Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PRODEMA/UESC). Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCA/UESB).

²Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPGADT/UNIVASF). Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCA/UESB).

³Mestra em Direito pelo Centro Universitário- UNIFG. Graduada em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós- graduada em Direito Tributário pelo Instituto Pedagógico Brasileiro. Professora e Advogada.

Palavras-chave: Audiovisual. Meio Ambiente. Degradação Ambiental.

ABSTRACT: In the geographical limits of cities is where there is the greatest demographic growth and where socio-environmental conflicts are usually concentrated. Territorially protected spaces end up under pressure from the surroundings, being susceptible to several negative environmental impacts. Based on an indirect observational study, with a qualitative approach, this work analyzes the film “Over the Edge” (2006) and makes an analogy with several processes that occur in protected areas. From the analyzes, it was possible to see that the film addresses issues such as changing the patterns of feeding wild animals, expanding the urban area and environmental degradation, consumerist lifestyles and endangered animals, in addition to analogy to human relationships.

Keywords: audio-visual. Environment. Ambiental degradation.

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO; 1 A MAGIA DO SABOR DE UM CHIPS DE QUEIJO: A ANIMAÇÃO COMO RECURSO PARA A REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O CONTATO DA VIDA SILVESTRE COM PRODUTOS HUMANOS; 1.1 IMAGEM EM MOVIMENTO: O POTENCIAL DAS ARTES VISUAIS COMO ELEMENTO EDUCATIVO; 1.2 ENTRE A DESCOBERTA DE UM NOVO MUNDO, A INVASÃO DO ESPAÇO NATURAL E O EXTERMÍNIO DE ANIMAIS SILVESTRES: SÍNTESE DO FILME; 2 REFLEXÕES SOCIOAMBIENTAIS A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA AUDIOVISUAL: A ANÁLISE DAS QUESTÕES DA PESQUISA; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

“Espaço” é um termo que pode ter algumas acepções. A principal diz respeito à extensão que contém a matéria existente, uma extensão entre dois pontos, duas linhas ou dois objetos; uma área pensada geometricamente, uma visão cartesiana (CAVALCANTE & NÓBREGA, 2011). Contudo, de acordo as autoras o espaço também possui uma noção interdisciplinar, e pode ser seguida de adjetivos que o qualificam, como espaço geográfico, político, ecológico, urbano etc., e que este se torna um “lugar” a partir da inserção do ser no próprio espaço, ganhando significado. Incluindo o conceito de paisagem geográfica e social, como análogo do espaço ao qual se refere, pois paisagem integra elementos urbanos e naturais, e é um conceito mais dinâmico.

O filme de animação “Os Sem Floresta”, produzido pela DreamWorks (2006), acontece numa paisagem composta por um pequeno fragmento de floresta nativa que foi mantida nos limites de um conjunto habitacional, aparentemente, de classe média

estadunidense. Esse espaço é moradia de alguns animais silvestres que, ao concluir o período hibernatório invernal, se deparam com o seu habitat drasticamente alterado e sua disponibilidade de alimento severamente afetada em consequência da transformação súbita da paisagem, pois no tempo da hibernação foi construído um grande conjunto habitacional de casas, trazendo como consequência uma supressão vegetal, e o levantamento de uma cerca viva (delimitação de perímetro utilizando plantas de grande adensamento), dando origem ao título original em inglês “*Over the fence*” (acima da cerca/ através da cerca).

Esta situação do filme, rotulado como ficção, pode mostrar conflitos reais em seu enredo. D’Arrochella et al. (2009) avaliaram o filme “Os Sem Floresta” e chegaram à conclusão de que ele pode ser utilizado, por exemplo, como um recurso didático para Educação Ambiental ao tratar de temas de fragmentação florestal, biodiversidade e impacto ambiental; podendo ser valorizados e reconstruídos didaticamente com a utilização deste filme. O estudo observacional do filme propiciou apreciação do conceito de sustentabilidade, especificamente diante do seu contraponto, a perspectiva do desenvolvimento econômico com suporte do capitalismo (Bizarria et al., 2017).

Dessa forma, o objetivo deste estudo é, através de uma abordagem qualitativa do filme “Os Sem Floresta”, analisar como a expansão das cidades exercem pressão sobre espaços especiais territorialmente protegidos, gerando impactos socioambientais negativos sobre as áreas protegidas e sua biota.

Para alcançar tal finalidade, foi desenvolvida pesquisa qualitativa e indireta. Flick (2004) afirma que este tipo de abordagem é relevante para o estudo das relações sociais. Para análise do filme “Os Sem Floresta”, foi realizado um estudo observacional de segunda mão, ou indireto, tendo o observador como expectador de um filme ou fotografia (FLICK, 2004; PATTON, 2002).

A observação indireta é menos flexível do que a observação direta, mas também é muito menos tendenciosa e pode ser muito mais acurada. Outra vantagem da observação indireta é que o registro permanente pode ser reavaliado para incluir vários aspectos diferentes do fato (COOPER & SCHINDLER, 2003, p. 307).

De acordo com Flick (2004, p. 255) “os procedimentos observacionais contribuem para a construção da própria realidade que buscam analisar, realidade essa que já é resultado de processos de construção social antes de ser observada”. Este tipo de análise é uma excelente opção e utilizado por vários autores (MACHADO ET AL., 2012; MESQUITA ET AL., 2016) pela “grande capacidade de influência na realidade

cotidiana, os filmes vêm sendo cada vez mais analisados em vista da sua utilização como instrumentos de pesquisa” (MACHADO & BEZERRA, 2011, p. 54).

Inicialmente, será realizada a síntese do filme, de modo a considera-lo como um todo, anotando-se as impressões, as questões e padrões de significado que forem distintos. Em seguida, serão apontados os problemas observados, com a apresentação das questões de pesquisa a serem buscadas no material, bem como as cenas-chaves. Por fim, passam-se às “microanálises estruturadas” de cenas e sequências individuais, que devem levar a descrição de padrões detalhados na exposição (conflitos etc.).

1 A MAGIA DO SABOR DE UM CHIPS DE QUEIJO: A ANIMAÇÃO COMO RECURSO PARA A REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O CONTATO DA VIDA SILVESTRE COM PRODUTOS HUMANOS.

1.1 IMAGEM EM MOVIMENTO: O POTENCIAL DAS ARTES VISUAIS COMO ELEMENTO EDUCATIVO.

A virada imagética, experimentada no século XX, fez com que as imagens ganhassem “espaço como foco de atenção, discussão intelectual e reflexão teórica tornando-se predominantes na cultura contemporânea” (MARTINS, 2010, p. 20). Elas tornaram-se objeto de interesse e provocação, construindo inúmeros relatos através de publicidades, de filmes, animações, fotografias, entre outros.

Enquanto, visualidades construídas pelo homem, em momentos histórico-geográficos diversos, as imagens, sob seus mais variados aspectos, possibilitam a inserção da materialidade das representações visuais no horizonte das preocupações humanas e permitem que se compreendam essas visualidades como componentes das relações sociais sob o ponto de vista cultural. Consequentemente, viabiliza um reconhecimento de sua propriedade discursiva em razão do seu potencial informativo.

Desse modo, educadores vem apontando que os códigos visuais da modernidade, como a imagem em movimento (filmes e animações), são um importante elemento educativo, desde que a observação de filmes seja fomentada a partir de uma linguagem não estereotipada, desenvolvendo, portanto, um olhar crítico. Nesse sentido, “a educação estética está ligada à educação da visão, à observação das imagens, o que permite a leitura do mundo através dos elementos das artes visuais. O envolvimento estético é um dos fatores relevantes na construção do conhecimento” (TEIXEIRA, 2006, p. 12).

Enfim, fundamentada numa visão crítica a educação para a cultura visual oportuniza uma diversidade de interpretações e aprendizagens, de modo a aproximar os indivíduos dos problemas relacionados ao contexto social, cultural e ambiental em que vivem. Assim, por meio de sistemas simbólicos, são desenvolvidos processos e articulações sociais.

1.2 ENTRE A DESCOBERTA DE UM NOVO MUNDO, A INVASÃO DO ESPAÇO NATURAL E O EXTERMÍNIO DE ANIMAIS SILVESTRES: SÍNTESE DO FILME.

O filme “Os sem floresta” de origem americana (*Over the Hedge*), foi produzido em 2006 e dirigido por Karey Kirkpatrick e Tim Johnson. Ele é uma animação digital do gênero comédia que tem oitenta e três minutos de duração, baseado na tira em quadrinhos “*Over the Hedge: Stuffed Animals*”, criada por Michael Fry e T. Lewis, em 1996.

A obra visual possui como personagem central o “RJ”, um guaxinim macho aparentemente juvenil/adulto. Logo no início da animação, RJ tenta através de vários artifícios pegar comida, um saco de tortilha chips, de uma máquina automática de alimentos ou *vending machine*, por não obter êxito, busca o alimento do urso Vicent e, acidentalmente acaba acordando o urso da “hibernação” e perdendo toda a comida. Sob ameaça, ele promete ao urso repor toda comida em uma semana.

Na busca pela comida, ele vê num conjunto habitacional suburbano, a possibilidade de conseguir todos os itens numa lista proporcionada pelo urso. Ele, então, encontra um grupo de animais silvestres que haviam acordado da hibernação e estavam em um fragmento de vegetação nativa residual separado do conjunto habitacional apenas por uma cerca viva. Ao perceberem que o seu habitat havia sido reduzido significativamente e com ela a disponibilidade de alimento, acabam por aceitar a ajuda oferecida por RJ para conseguir comida, proveniente dos humanos habitantes do condomínio.

Os animais silvestres, Verne, a tartaruga; Hammy, o esquilo, Stella, a doninha-fedorenta, os porcos-espinhos Penny e Lou, junto com seus filhos trigêmeos, Spike, Bucky e Quillo; e Ozzie, o saruê e sua filha Heather, temem os humanos. Mas RJ, já acostumado, afirma que é possível conseguir muita comida, já que eles desperdiçam muita coisa.

Ao se dar conta da presença dos animais dentro do condomínio, a presidente da associação dos moradores chama um exterminador para lidar com os animais, justificando que estes estão causando muito problemas no lugar. Após conflitos entre RJ e Verne, a tartaruga resolve devolver os alimentos aos humanos e perde tudo. Com todo trabalho de coletas de RJ e os demais animais perdidos, a família é desfeita e Verne é abandonado. Posteriormente, Verne

conversa com RJ, pede desculpas aos seus amigos-família e entram em um embate com um exterminador de animais no condomínio, conseguindo novamente juntar os alimentos para serem entregues ao urso.

No entanto, os animais são capturados pelo exterminador e são levados para serem exterminados. Ao fim, RJ percebe que a afeição nutrida pelos demais animais e com seus novos amigos capturados, decide resgata-los, movido por um vínculo de família e empatia. Ao fim, há aceitação do RJ como integrante da família e o convívio forçado entre humanos e animais silvestres nesta nova realidade dos “sem floresta” é restabelecido.

2 REFLEXÕES SOCIOAMBIENTAIS A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA AUDIOVISUAL: A ANÁLISE DAS QUESTÕES DA PESQUISA

Em que pese, ser um filme de indicação livre, voltado para o público infantil, ele traz alguns problemas que podem ser avaliados com um olhar mais crítico e, conseqüentemente, promover reflexões importantes sobre questões socioambientais. Ao assistir ao filme, é possível avaliar questões que são discutidas a seguir:

a) Mudança dos padrões alimentares de animais silvestres

O filme começa com uma cena onde RJ tenta pegar um pacote de salgadinhos (“nachos”) de uma máquina de venda automática. Uma outra quando RJ abre um saquinho destes salgadinhos na frente dos outros animais, que nunca tinham tido contato com esses alimentos artificiais, e diz “*Essa é uma mistura mágica de farinha de milho, queijo desidratado. Ele é gostoso, ele é crocante, ele é irresistível*”. Os animais se mostram sensorialmente subjugados pelas características deste novo alimento, abandonando os tradicionais (e saudáveis) elementos do ambiente natural.

Nestas cenas é possível perceber que os animais podem ser enganados pelo cheiro e gosto exagerados dos alimentos humanos, passando a preferir estes alimentos sobre suas dietas habituais. Assim, sofrendo uma degradação nutricional e aumentando as interações com os seres humanos, pelos atrativos irresistíveis, exacerbados artificialmente, que foram desenhados para também render ao público infanto-juvenil humano.

A alimentação é uma das principais interações entre os seres humanos e os animais silvestres. Em um estudo com macacos-prego, praticamente 80% das interações entre os macacos e humanos envolveram a presença de comida (Saito et al., 2010). A alta

disponibilidade de alimentos torna-se mais atrativa aos animais e pode reduzir comportamentos de forrageio e consumo de itens naturais (Silva et al., 2014). Além disso, a alimentação dos animais com alimentos que não fazem parte de sua dieta traz prejuízos do ponto de vista nutricional (VIDAL, 2011).

Em outro trecho da obra visual, Verne a tartaruga aduz, ao perceber que a área que antes era mata nativa foi derrubada: “*Metade da floresta sumiu! Os carvalhos, as amoreiras, todos eles, se foram*”. Ao reduzir a disponibilidade dos animais em seu habitat natural, estes são forçados a procurar outras fontes, como as lixeiras, que são de fácil acesso, contribuindo para o problema (PAIOLA et al., 2012).

b) Expansão da área urbana e degradação ambiental

Apesar de no filme não estar representada uma Unidade de Conservação (UC), a área em que os animais vivem é um fragmento florestal. Quando estas áreas estão situadas próximas às cidades, ficam subordinadas a impactos ambientais e especulação imobiliária. As três políticas públicas urbanas estruturais (ligadas à produção do ambiente construído) – transporte, habitação e saneamento - foram ignoradas ou tiveram um rumo errático, com baixo investimento (MARICATO, 2013).

De acordo com Mello-Théry (2011) a fronteira urbana é onde o crescimento demográfico é maior do que o da própria cidade e onde se concentram os conflitos ambientais. Parfitt (2016) afirma que padrões dos assentamentos urbanos no espaço natural, em áreas com ecossistemas e manchas de vegetação, são os principais fatores de sua transformação e destruição. Ricklefs (2010) afirma que uma redução na área total do habitat, normalmente causa uma redução da abundância e riqueza de espécies.

Um outro fator está ligado ao desejo de morar próximo às áreas verdes, sendo que estas se transformam em mercadorias de consumo para satisfazer um modelo consumista da classe média alta contemporânea que busca um ambiente mais próximo da “natureza” (PARFITT, 2016). Assim, as ocupações nas cidades foram acontecendo de forma irregular e

[...] à falta de controle do Estado sobre o uso e a ocupação do solo urbano, em uma parte da cidade e exatamente aquela de residência da população pobre que, impedidos de ocupar a cidade formal (ou do mercado), a população pobre ocupa as áreas que “sobram” ou que não interessam ao mercado imobiliário. Grande parte dessas áreas é ambientalmente frágil (mangues, dunas, matas preservadas por lei, Área de Proteção de Mananciais, Áreas de Proteção Permanente, Parques Nacionais e Estaduais, encostas de morros). Além da agressão ambiental estão presentes os riscos de desmoronamentos que a cada temporada de chuvas são responsáveis por acidentes com mortes (MARICATO, 2013, p. 21).

c) *O consumismo e antropomorfização dos animais*

Ao mostrar o conjunto habitacional para os animais silvestres, a fala de RJ deixa clara a existência de uma cultura baseada no consumo e acumulação de bens. As falas transcritas elucidam a reflexão proposta:

Trecho 1:

RJ: - Isso é uma caminhonete. Eles andam nela porque estão aos poucos perdendo a habilidade de andar.

Penny: - Vejam é tão grande!

Lou: Quantos humanos cabem aí?

RJ: Geralmente, um.

Trecho 2:

RJ: - Nós vivemos para comer, os humanos vivem para comer!

[...]

RJ: - Para os humanos, muito é sempre pouco!

- E o que eles fazem com o que não comem? Colocam em latas prateadas brilhantes (lixeiros).

A partir dos trechos transcritos, é possível perceber o excesso de consumo. De acordo com Godecke, Naime e Figueiredo (2012), é característica da sociedade atual a criação de “necessidades” através do estímulo dos indivíduos às práticas de consumo; as pessoas acabam por dispendir recursos financeiros para comprar as “vantagens” divulgadas pela mídia. Dessa forma, consumir e descartar ocorrem de forma rápida e sucessiva.

O consumismo é uma ideologia, que visa mais aos valores e significados dos produtos que consomem do que à real satisfação das necessidades, assumindo atualmente como valores socioculturais aceitos. Para Bauman (2008) o consumo é diferente da sociedade de consumo; o consumo é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos; já o consumismo, por sua vez, é um atributo da sociedade. Ainda sobre o consumismo, o autor afirma que:

A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir (BAUMAN, 2008, p. 31).

A antropomorfização dos personagens é característica marcante do filme. O urso Vicent, por exemplo, é um acumulador compulsivo das comidas, retratando o seu lado humano, além de ereto, não de quatro como os selvagens. A pergunta de Ingold (1995) “a natureza humana reside em nossa animalidade ou em nossa humanidade?” nos traz a reflexão de seres humanos também são animais, mas que muitas vezes os filmes tentam retratar o inverso.

O personagem RJ traz certas características da interação humano-animais silvestres que valem a pena destacar. Os humanos são os que oferecem alimentos industrializados aos animais silvestres em paisagens mistas, com a intenção de atraí-los e aproximá-los ao seu convívio, por curiosidade e atração dos seres humanos com os ambientes naturais e seus habitantes. RJ acha os outros animais ingênuos, pouco inteligentes e manipuláveis; ou seja, despreza as suas características cognitivas e desrespeita (nega) a sua realidade ecológica. Isso é muito comum nos seres humanos que tem aproximação com fauna silvestre, interpretando sinais e comportamentos desde uma visão antropocêntrica. De certa forma, RJ representa, no filme, os humanos que atropelam os animais silvestres para obter seus desejos, sem considerar suas necessidades ou limitações.

d) Discussão sobre as visões acerca da natureza: o ego, o antro e o ecocentrismo

Dentre outras discussões possíveis está o debate sobre as visões acerca dos recursos ambientais, podendo estes serem: egocentrismo, antropocentrismo e ecocentrismo. O extremo entre a relação homem e natureza é o egocentrismo, tem origem no grego, a união entre *egôn* e *kêntron* que significa "eu no centro". Debord (2003) apresenta o homem alienado egocêntrico como aquele que produz, porém, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele e, assim, quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela. Sobre essa interpretação alienada da realidade, cria-se um modelo de sociedade individualista e apática,

[...] para não poucos, o sonho de paz e vida feliz é poder retirar-se para uma ilha paradisíaca, distante de tudo e afastada do maior número possível de humanos e humanas, isto é, isolar-se: ilha, condomínio fechado, alto da montanha, praia privativa, local inacessível; no máximo, horrorizar-se ou alegrar-se virtualmente

com o que acontece com a humanidade, mas, sem chegar muito perto. (CORTELLA, 2015, p. 34).

Dentro dessa leitura dá para classificar as personagens com uma ou mais tendências a uma vertente e assim, criar um perfil a ser analisado. Dentro do perfil egocêntrico temos, inicialmente, o urso, RJ, a líder da associação de moradores e o exterminador de animais, são egoístas, mesquinhos e tem em si, e apenas em si, algum tipo de importância em existir.

Já na visão antropocêntrica, pode-se observar os moradores do condomínio, sendo nesta análise, o meio termo da relação natureza *versus* seres humanos. No antropocentrismo, a proteção ambiental é encarada como as benesses que a natureza oferece, uma tutela mediata e indireta, cujo principal foco é o ser humano e seus interesses, sejam econômicos ou sanitários (ABREU; BUSSINGUER, 2013).

Nesse modelo, os moradores vivem em uma área do “Rancho Camelot”, que traz a natureza com um produto do capitalismo, um espetáculo a ser utilizado, exposto e não vivenciado, agraciado, pertencido. Nesse mundo, a natureza é só mais um participante silencioso, sendo que o espetáculo é o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens (DEBORD, 2003). Lipovetsky e Serroy (2013) consideram que na nova economia do capitalismo, já não se trata apenas de produzir pelo menor custo bens materiais, mas de solicitar as emoções, estimular os afetos e os imaginários, fazer sonhar, sentir e divertir. E assim, a fantasia de natureza dentro do condomínio tem seus símbolos de pessoas que amam a natureza, com esculturas de animais, belas plantas alinhadas e provavelmente exóticas, gramados bem cortados e estetização do mundo natural sob a ótica da higienização do natural para agradar os seres humanos já considerados acima de tudo, antropocêntricos, movido por espetáculos.

Por fim, a relação ecocêntrica está contida na comunidade de animais liderados pela tartaruga Verne, posteriormente, também o RJ e sua relação com o ecossistema sem produtos industrializados. Nesta visão coloca-se a proteção dos ecossistemas e do meio ambiente natural, de modo geral, os componentes vivos, não apenas os humanos, também os fatores que auxiliam a vida (água, ar, solo etc.) (ABREU; BUSSINGUER, 2013).

Por esse espectro, como apontado por Boff (2012), há um longo caminho ao ecocentrismo, as ações humanas por mais bem-intencionadas que sejam perante a natureza continuam sendo antropocêntricas, no pior dos casos egocêntricas. O ser humano teria que ter atitude *sunantrópica*, que encara o *Homo sapiens* como um produto da natureza, contrário a *xenantrópica* que coloca o ser humano desagregado (fora) da natureza (ALLEGRE, 1996).

A Terra nunca tornará a ser como era antes do desenvolvimento da espécie humana, mas o homem deve procurar integrar-se ainda melhor no seu planeta, deve coevoluir com ela (ALLEGRE; REIS, 1996). Assim, já não se tratará de *parasitismo*, mas de uma verdadeira simbiose. A entrada do condomínio e seus moradores humanos demonstram na prática como as ações humanas mudam as relações naturais e a necessidade de uma relação mais harmônica entre seres humanos e os recursos naturais, antes que a Terra “morra”.

e) Animais como produto ou símbolos [signos]

Um outro ponto interessante dentro da leitura do filme é a forma de representação dos animais; é curiosa a forma como se mostra um vínculo afetivo forte entre humanos de dúbia postura ética (a dona do condomínio) e seus animais de estimação ou pets, enquanto manifesta um acirrado despreço pelos animais silvestres, os quais considera “pragas”, colocando-os no nível de pragas urbanas (baratas, formigas) ao contratar um “exterminador” para eliminá-los. Essa ambiguidade de “odiar” aos animais silvestres enquanto se professa imenso amor pelos domésticos não é incomum nas pessoas que habitam as grandes cidades.

Os animais domésticos passaram a ocupar lugares reservados a outros humanos, como membros das famílias modernas, passíveis de proteção jurídica e, em alguns países, objetos morais, com direito a usufruir de bens tais como heranças deixadas pelos donos humanos. Por outro lado, esses humanos que são capazes de amar aos pets como membros da própria família, consideram um bem inesgotável tudo aquilo proveniente da natureza, e mostram pouca ou nenhuma preocupação com o cuidado do natural, do selvagem. Isso se observa no filme na atitude da dona do condomínio, do exterminador de pragas e até das crianças, que vem aos animais silvestres como raridade, esquisitez e incômodo.

A objetificação trazida pela mídia, em especial pela publicidade, apresenta coisas que podemos usufruir comprando, consumindo, ingerindo, sem que se pense em sua violência simbólica e nas consequências violentas que acarretam as permissões que aí se outorgam (SATTLER, 2017). Por esse modelo que tudo produz e tudo negocia, troca, vende, exporta, importa, seres vivos não fogem à regra, pela leitura do antropocentrismo, onde homem domina tudo, seja vivo ou não vivo são, também, os pets um espetáculo e um símbolo de poder, amor, empatia ou alguma outra característica que a pessoa queira demonstrar ser ou ter.

Ao se cuidar e ter um animal de estimação, pessoas podem “espetacularizar”, ‘olha para mim, cuido de animais e amo a natureza’. O espetáculo não é um conjunto de imagens,

mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens (DEBORD, 2003), nesse caso o pet é o símbolo que complementa a imagem.

f) Família e empatia para mudar o mundo

Durante o filme é visto uma unidade familiar formada pelos animais que vivem na floresta, em termos biológicos seriam uma comunidade, entendida como um grupo de indivíduos e populações, com propriedades coletivas, como diversidade de espécies ou a biomassa da comunidade (PERONI; HERNÁNDEZ, 2011). Porém, como o filme projeta sentimentos e relações pela visão de antropomorfização dos seres vivos, temos os animais como uma família com vínculos análogos aos da família nuclear humana.

Pode-se conceituar a família de várias formas, aqui conceituada pelas visões da psicologia e da sociologia, tem-se então que família é:

Um grupo de pessoas, vivendo em uma estrutura hierarquizada, que convive com uma proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre adultos e deles para crianças e idosos que aparecem no contexto. Pode-se também entender como uma associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas e assume um compromisso de cuidado mútuo e, se houver, com crianças, adolescentes e adultos (CARNUT; FAQUIM, 2014, p. 63 apud GOMES, 1988).

Por esse conceito, as relações mutualísticas dos animais são tidas como uma relação familiar de reciprocidade, acolhimento, empatia e mutualismo. Pela visão da sociologia, a família é um grupo que apresenta organizações estruturadas para preencher as contingências básicas da vida biológica e social. Trata-se de uma unidade social básica, ou seja, “uma sociedade parcial, reconhecível pelo sinal exterior de ser formada de indivíduos consanguíneos uns dos outros, em sua maior parte, e que estão unidos entre si por laços jurídicos” (DURKHEIM, 2007, p. 37).

A principal e mais interessante das mensagens e reflexões do filme é a mudança do personagem RJ que se permite ser empático e se fazer vulnerável para se encaixar na nova família, aceitando seus defeitos e sendo acolhido pelos animais sem julgamentos. “Se quisermos recuperar a parte essencialmente emocional de nossa vida, reacender nossa paixão e retomar nossos objetivos, precisamos aprender a assumir nossa vulnerabilidade e acolher as emoções que resultam disso” (BROWN, 2013, p. 26)

“A jornada da vulnerabilidade não foi feita para se percorrer sozinho. Nós precisamos de apoio. Precisamos de pessoas que nos ajudem na tentativa de trilhar novas maneiras de ser e não nos julguem” (BROWN, 2013, p. 36). A empatia é apresentada com os perdões e

agrupamento familiar que acolhe RJ mesmo com suas falhas passadas. “Empatia é a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações” (KRZNARIC, 2015, p. 5).

Assim não é apenas deixar de fazer com o outro o que não quer que se faça a você e sim, entender que o outro é diferente com suas peculiaridades e mesmo assim aceitá-la e entendê-la como ela é. A empatia é uma questão de entender essas peculiaridades (KRZNARIC, 2015). No filme, por meio dessa relação, os animais puderam viver em grupo e tentar conviver melhor com a natureza e os humanos, seus novos vizinhos. Finalmente, os “vilões” que usaram métodos espúrios tiveram um fim justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filmes não são somente um reflexo (mais ou menos distorcido) da realidade; estes reúnem uma série de sinais linguísticos e não-linguísticos que devem ser analisados junto a outras reflexões. Uma representação fílmica é resultante de um contexto social, onde o espaço é construído a partir de significados que compõe a iconografia de cada grupo.

Apesar de um ser uma animação, voltada para um público infanto-juvenil, o enredo do filme “Os Sem Floresta” retrata uma série valores e relações entre o filme e a realidade. Mais do que isso, retrata que um espaço, especialmente se for uma área protegida, podem ter mais conflitos de interesses do que aparentam.

Os fragmentos florestais nos ambientes urbanos podem até trazer uma beleza cênica, atendendo aos interesses estéticos da população do entorno, mas dificilmente cumprem a função de proteção da vida silvestre. Enfim, as reflexões sobre os fatos fictícios apresentam elementos representativos da sociedade atual e, ao mesmo tempo, representa suas limitações.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ivy de Souza; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. Antropocentrismo ecocentrismo e holismo. *Revista Derecho Y Cambio Social*, 2013. Disponível em: https://www.derechocambiosocial.com/revista034/escolas_de_pensamento_ambiental.pdf. Acesso em 05. jan. 2023.

ALLEGRE, Claude. *Ecologia das Cidades, Ecologia dos Campos*. Lisboa: Instituto Piaget. 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. In vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Zahar: Rio de Janeiro, 2008.

BIZARRIA, F. P. de A.; TAVARES, J. C. de S.; BRASIL, M. V. de O.; TASSIGNY, M. M.; SILVA, M. A. da. O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”. *Desenvolvimento em Questão*, [S. l.], v. 15, n. 40, p. 204–229, 2017. DOI: 10.21527/2237-6453.2017.40.204-229. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/5951>. Acesso em: 5 jan. 2023.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: O que é - O que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROWN, Brené. *A coragem de ser imperfeito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

CARNUT, Leonardo; FAQUIM, Juliana Pereira Siva. Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *Journal of Management & Primary Health Care*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 62–70, 2014. DOI: 10.14295/jmphc.v5i1.198. Disponível em: <https://jmphc.emnuvens.com.br/jmphc/article/view/198>. Acesso em: 5 jan. 2023.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e Lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (orgs). *Temas básicas em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011.

COOPER, Donald; SCHINDLER, Pamela. *Métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CORTELLA, Mario Sérgio. *Não nascemos prontos!:* provocações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 2015.

D´ARROCHELLA, Luciana Siqueira da Costa; D´ARROCHELLA, Márcio Luiz Gonçalves; ALVES, Felipe da Silva; LEHER, Roberto. A contribuição de filmes infantis para a reflexão na educação ambiental: Interpretação ecológica e cultural do filme “Os Sem Floresta” e sua aplicabilidade no ensino. XII Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideu. *Anais...* Montevideu, 2009.

DEBORD, Guy. *Sociedade Do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995., 1995.

KRZYNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Diego de Queiroz; BEZERRA, Carlos Alberto dos Santos. Avatar: uma análise dos aspectos fundamentais da terceirização em um estudo observacional. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, v. 9, n. 3, p. 44-62, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3312/331227117003.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2023.

MACHADO, Diego de Queiroz; IPIRANGA, Ana Silvia Rocha; MATOS, Fatima Regina Ney. “Quero matar meu chefe”: retaliação e ações de assédio moral. *Revista Pretexto*, v. 14, n. 1, p. 52-70, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10036/---quero-matar-meu-chefe-----retaliacao-e-acoes-de-assedio-moral/i/pt-br>. Acesso em: 5 jan. 2023.

MARICATO, Erminia. Cidades no Brasil: neodesenvolvimentismo ou crescimento periférico predatório? *Revista Política Social e Desenvolvimento*. v. 1, n. 1, 2013.

MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. *Revista Educação & Linguagem*. v. 13, n. 22, p 19-31, 2010.

MELLO, Neli Aparecida de Mello. Conservação de áreas naturais em São Paulo. *Estudos Avançados*, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pXXHB6Dpvp6RdCVgyWtR4nF/?lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2023.

MESQUITA, Rafael Fernandes de; SOUSA, Sâmya Nagle de Oliveira.; MATOS, Fátima Regina Ney. As relações de poder em estudo observacional. *Revista Holos, [S. l.]*, v. 8, p. 201–215, 2016. DOI: 10.15628/holos.2015.3156. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3156>. Acesso em: 5 jan. 2023.

PAIOLA, Giordano Carlo; DOMENEGUETTI, Leandro; MERLIN, Joice; BARROS, Jose Jadir Correa; ORTÊNCIO FILHO, Henrique; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira. Percepção de Moradores de Cianorte Sobre a Prática de Alimentar Animais Silvestres. *Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensino/article/view/715>. Acesso em: 5 jan. 2023.

PARFITT, Claire Morrone. Áreas de preservação do ambiente natural urbano, segregação e impacto nas paisagens e na biodiversidade: estudo de caso de Pelotas RS. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 37, p. 07 - 36, aug. 2016. ISSN 2177-2738. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/39203>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PERONI, Nivaldo. *Ecologia de Populações e Comunidades*. Florianópolis: CCB/EAD/UFSC, 2011.

RICKLEFS, Robert. *Economia Natureza*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2010.

SAITO, Carlos Hiroo; BRASILEIRO, Luiza; ALMEIDA, Luzia. Etelvina de; TAVARES, Maria Clotilde Henriques. Conflitos entre macacos-prego e visitantes no Parque Nacional de

Brasília: possíveis soluções. *Sociedade & Natureza*, [S. l.], v. 22, n. 3, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza/article/view/9955>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SATTLER, Janyne. *Mulheres e animais não humanos como objetos da violência publicitária*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499471141_ARQUIVO_STFazendoGe_%23770_nero.pdf. Acesso em: 5 jan. 2023.

SILVA, Julianne Moura da; ALBUQUERQUE, Juliana Ribeiro de; OLIVEIRA, Maria Adélia Borstelmann de. Em busca de alimento: um estudo sobre a influência de itens providos por humanos na dieta de um grupo de *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) de vida livre, no Parque Estadual Dois Irmãos, Recife-PE, Brasil. In: SILVA, Valdir Luna da; FERREIRA, Renata Gonçalves; OLIVEIRA, Maria Adélia Borstelmann de. (orgs.) *A Primatologia no Brasil*, 13a, Vol. 13, 2015.

TEIXEIRA, Aloísio. Novas Tecnologias e o Ensino de Artes Visuais. Entrevista concedida a Fátima Cristina Vollú. *Revista Perspectiva Capiana*, nº 1, agosto de 2006, p. 11-16. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39001821/PERSPECTIVA_-_No1_-_Artes_Visuais-libre.pdf? Acesso em: 5 jan. 2023

VIDAL, Marcelo Derzi. Botos e turistas em risco. *Revista Ciência Hoje*, 2011.